



E Deus se fez Negro

And God made himself black

José Geraldo Rocha*

Resumo

No processo de evangelização ocorrido no Brasil, difundiu-se uma imagem de um Deus branco, muito distante, do ponto de vista da identificação com o rosto do povo negro. Os Agentes de Pastoral Negros, no processo de reflexão da fé à luz dos elementos da negritude, foram construindo uma identificação do rosto de Deus com o rosto do povo pobre e, conseqüentemente, com o rosto dos negros. No cantar de um povo, de um grupo, ou de uma comunidade de fé, pode ser percebida a forma de expressar sua relação com o elemento sagrado. As reflexões que nascem desse cantar vão encerrar uma concepção de Divindade e fazer nascer uma teologia em consonância com os anseios e aspirações de libertação. O presente texto resulta de um trabalho de investigação da manifestação do divino no cantar dos Agentes de Pastoral Negros na Igreja do Brasil.

Palavras-chaves: Cultura; Música; Libertação; Negro; Deus

Abstract

Within the process of evangelization that took place in Brazil the image of a white God has spread out, far away from the Brazilian people marked by a black face point of identification. Black Pastoral Agents within the process of faith reflection based on the elements of the so called Negritude (blackness), started building a identification process of God's Face with poor people face and, consequently, with black people's face. In the singing of a people, a group or a community of faith can be perceived the way to express their relationship with the sacred element. The reflections brought up from these singings will encompass a conception of Divinity and arise a theology in line with the wishes and aspirations of liberation. This paper results from a research work on the manifestation on the divine in the chanting of the Black Pastoral Agents of the catholic church in Brazil.

Key words: Culture; Music; Freedom; Black; God

Comunicação recebida em 05 de Outubro de 2010 e aprovado em 13 de Dezembro de 2010.

* Bacharel em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção - SP; Mestre em Teologia pela PUC RIO; Doutor em Teologia Sistemática Pastoral pela PUC Rio. Atualmente exerce a Docência Superior como Dr. Adjunto na Unigranrio/RJ no Programa de Mestrado em Letras e Ciências Humanas. Em nível de Lato Sensu atuou no PENESB/UFF e no Curso de Africanidades da Universidade Cândido Mendes /RJ. E-mail: rochageraldo@hotmail.com

A vida e a luta dos grupos negros no Brasil têm sido marcadas por uma compreensão teológica. Os Agentes de Pastoral Negros passaram a atuar nas comunidades a partir de uma compreensão teológica em que os empobrecidos, oprimidos e marginalizados foram tornando-se sujeitos do processo histórico. Essa condição de sujeito histórico fez crescer o desejo de participação na vida eclesial e recriou formas de atuação. Em outras palavras, tornou a Igreja, em determinadas realidades, mais viva, mais alegre e mais festiva. Propiciou um encontro com um Deus que se fez um com o povo negro. Tal percepção ficou evidenciada nos cantos e na dança, nos quais a presença negra passou a ser percebida, e um Deus próximo ao negro passou a ser revelado.

Nesse contexto, os cantos passaram a ser uma forma de o negro expressar sua situação, suas esperanças e certezas de libertação. A consciência do mistério salvífico de Deus torna-se uma realidade nos cantos feitos para fortalecer e animar a caminhada.

O Deus que, em nosso meio, vem se manifestando é para nós um acontecimento salvífico. O Deus presença que nós negros vamos descobrindo aparece embrulhado, misturado nas nossas coisas, no nosso jeito de ser negros e negras. Por isso Ele é na dança, é no canto, na festa, na alegria na luta e na garra. Então quando cantamos, cantamos o Deus da nossa esperança; quando dançamos, dançamos o Deus da nossa esperança; quando lutamos, lutamos de braços dados com o Deus da nossa esperança. (ROCHA, 1994, p.23).

Uma grande riqueza teológica transparece nos cantos dos Agentes de Pastoral Negros nesses anos de caminhada. Deus fala à comunidade negra através dos cantos e da dança. Quando o negro canta e dança, Deus é presença constante. No seu cantar, não está um simples cantar: quem puder entender que entenda; o seu dançar não é apenas um dançar: quem tiver olhos para ver, que veja.

O canto tem sido, nesse processo, um instrumento de reconstrução da relação do negro com Deus no imaginário socioeclesial e teológico. Não se pode deixar de considerar que o processo histórico associou a imagem do negro com aquilo que é ruim, feio e até coisa do demônio.

A problemática da “alma negra, alma branca”, ensinada na catequese e em todo o processo de evangelização, passa a ser desconstruída pela ação dos Agentes de Pastoral Negros, a fim de que sejam superados alguns preconceitos fundamentais na compreensão da relação que o negro estabelece com Deus. O canto foi um caminho encontrado nesse processo de desconstrução

e reconstrução da imagem do negro. Daí a proclamação “eu sou negro sim, como Deus criou”. O processo de negritude possibilitou aos Agentes de Pastorais Negros cantarem muitas outras afirmações teológicas em suas músicas, como veremos a seguir.

“Oh que coisa bonita, oh que coisa bonita, Deus Pai libertador criar negra cor oh que coisa bonita”. Trata-se de um refrão simples, que se tornou um canto forte nas lutas de organização da comunidade negra, cuja fé se constituía em elemento fundamental na busca da justiça. É o Deus libertador quem criou a negra cor, assim como criou a branca cor. Na verdade, esse refrão contém duas afirmações fundantes. Uma delas é repetida três vezes: ‘oh que coisa bonita’. Esta vem se contrapor às concepções racistas e discriminatórias que negam a beleza à cor negra, tomando o branco como padrão estético. Portanto, apenas afirmar a beleza negra não basta, é necessário afirmá-la insistentemente, repetidamente. A outra afirmação é que esta cor é ‘criada por Deus Pai libertador’. Nisto consiste a dignidade de filhos de Deus, negada historicamente ao povo negro, e que necessita ser resgatada. A partir da identidade e dignidade resgatada, é possível cantar outra afirmação teológica: “Benza oh Deus como é bonito, negro tão bonito é”.

O encontro com a sua identidade vai fazer a comunidade negra exaltá-la também na sua relação com Deus. O canto passa a falar da forma como o negro estabelece essa relação. “Cantamos rezando, rezamos sambando a fé e a esperança da libertação que vai chegar” (ROCHA, 1987). Com esse canto, é possível perceber que a libertação para o negro vem também mediante a valorização de suas expressões na vida das comunidades e grupos eclesiais. Nessa mesma perspectiva, outro canto vem expressar a forma do negro ir buscando a sua libertação.

Lá vem o negro, trazendo espada na mão, ele sonha, ele luta por sua libertação. Canta, canta, negro, canta, canta que a sua voz há de se ouvir, canta, negro, canta, canta, que a vitória há de vir. Grita, grita, negro, grita, grita que sua voz há de se ouvir... grita que a vitória há de vir... dança, que sua voz há de se ouvir... que a vitória há de vir. (AUTOR DESCONHECIDO).

Essa canção reúne o canto, a luta e a dança, como três elementos que vêm expressar um modo do negro clamar por sua libertação. Nesse caso, o “canta, canta; grita, grita e o dança...”, além de ser um apelo, é uma ordem para os negros. A conclusão é a certeza da ‘vitória’ que há de vir.

No ano de 1988, quando a Campanha da Fraternidade focalizou a questão do negro, muitos outros cantos surgiram, explicitando uma teologia muito concreta presente na vida das comunidades e grupos negros. Dois deles não poderiam deixar de ser mencionados neste trabalho. Um é “Senhor Deus dos aflitos, ouvi nossos gritos Senhor” (DOREA, 1988), canto no qual é retratada a confiança que os negros aflitos depositam no Deus que ouve o clamor dos pobres. É um canto muito ligado ao texto bíblico de Êxodo 3,7-10, que fala do Deus que ouve o clamor dos oprimidos e desce para libertá-los. Foi também esse texto que funcionou como chave de compreensão da questão negra, orientando o texto básico da Campanha da Fraternidade daquele ano, cujo lema foi ‘ouvi o clamor desse povo’. O outro é uma ‘adaptação’ do canto “Ave Maria dos Oprimidos”, no qual se substituiu a palavra ‘oprimidos’ por ‘irmãos negros’. É um canto que revela um clamor que nasce de uma terra onde os negros se encontram em profundo clima de oração e de luta pela libertação. “Ouvi o grito, que sai do chão, dos irmãos negros em oração”. Como que fazendo uma conclusão desses dois cantos, encontra-se um que faz alusão à escravidão do povo narrada pela Bíblia e sentencia:

O povo de Deus continua gemendo, uma vida de escravo tá ele vivendo, gritando aperreado já quase morrendo. Subiu até Deus o grito de dor, seu luto e gemido o Senhor escutou e ficou comovido com este clamor. (AUTOR DESCONHECIDO).

A teologia pode ser ainda percebida na evocação à solidariedade entre os pequenos na busca e na defesa da vida. O canto “Negra Mariama” é expressão do que aqui se afirma.

Negra Mariama chama pra cantar, que Deus uniu os fracos pra se libertar;
Negra Mariama chama pra lutar, em nossos movimentos sem desanimar,
levanta a cabeça dos espoliados, nossa companheira chama pra avançar...
(AGENTES de PASTORAL NEGROS, 1988).

A história dos fracos, que se organizam para lutar por seus direitos e recriar melhores condições de vida no continente latino-americano, tem uma conotação teológica muito grande. Nesse canto, reconhece-se o povo negro como parte desses ‘fracos’, entretanto ele é convocado a unir-se aos demais para buscar a libertação.

No que diz respeito às afirmações teológicas presentes nos cantos que animaram a caminhada dos Agentes de Pastoral Negros, necessário se faz lembrar ainda as contidas nos

cantos da “Missa dos Quilombos”, que desempenharam um papel relevante na defesa de uma compreensão dos direitos das culturas diferentes de se relacionar com o Deus de todos os nomes. Os textos associam a vida do negro à vida de Jesus; identificam o quilombo negro com a Páscoa de Jesus e assegura ao negro a filiação divina, tanto quanto ao branco.

Em nome do Deus de todos os nomes, Javé Obatala, Olorum, Oió. Em nome do Pai que fez toda a carne, a negra, a branca, vermelha no sangue. Em nome do Filho, Jesus nosso irmão... Em nome do Espírito Santo, bandeira do canto do negro folião. Em nome do Deus verdadeiro que nos amou primeiro sem dividição. Em nome dos Três que são um só Deus. Aquele que era, é e será. Em nome do povo que espera na graça da fé a voz de Xangô o Quilombo Páscoa que o libertará. (NASCIMENTO; CASALDALIGA; TIERRA, 1982).

A relação do cristianismo com as culturas nas Américas se deu na base do massacre cultural. A Igreja, sustentada por uma teologia, no intuito de evangelizar, massacrou culturalmente negros e índios no período colonial. Essa relação de dominação cultural impossibilitou o reconhecimento das manifestações e expressões do Deus da vida atuando no meio dos pequenos, a partir de suas organizações e formas de resistência. Recuperar e valorizar os elementos culturais desses povos significa reconstruir a dignidade humana, reprimida na história. E num mesmo instante, significa reconhecer, a partir de uma nova compreensão, as manifestações do Deus criador e a sua intervenção na história desses povos.

Referências

AGENTES de Pastoral Negros. **Cantos dos Agentes de Pastoral Negros**. Salvador: n/d, 1988.

BOFF, Leonardo. **Nova Evangelização Perspectiva dos Oprimidos**. Petrópolis, Vozes, 1992.

CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano. **Nova Evangelização**, Promoção Humana, cultura Cristã. São Paulo: Loyola, 1992.

DOREA, Alfredo. Missa Negro Um Clamor de Justiça. **Cantos de Animação dos Agentes de Pastoral Negros**. Salvador: n/d, 1988 (mimeo).

DOREA, Alfredo. Canto de meditação. In: Missa Negro Um Clamor de Justiça. **Cantos de Animação dos Agentes de Pastoral Negros**. Salvador: n/d, 1988 (mimeo).

FRISOTTI, Heitor. **Passos no Diálogo**: Igreja católica e religiões afro-brasileiras. São Paulo: Paulus, 1996.

GRUPOS DE TEOLOGIA NEGRA. **Cadernos de Teologia Negra**: Deus na Roda Com a Gente. Duque de Caxias, Gráfica Caxias, v.1, p. 17-18, maio 1994.

NASCIMENTO, Milton, CASALDÁLIGA, Pedro e TIERRA, Pedro. **Missa dos Quilombos** - disco gravado na Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens. São Paulo: Philips, 1982.

CELAM – Conselho Episcopal latino-americano. Documento de Puebla. São Paulo: Loyola, 1979, p. 31-39.

ROCHA, José Geraldo da. **Cadernos de Teologia Negra** - Retalhos de Nossa História. Rio de Janeiro, Gráfica Caxias, v.3, p. 23, outubro/1994.

ROCHA, José Geraldo da. **Um Clamor de Justiça**. Canto de animação da caminhada. São João de Meriti: n/d, 1987.(mimeo).

SILVA, Antônio Aparecido da. Cultura Negra e Evangelização. In: BEOZZO, José Oscar (org.) **Curso de Verão** - ano V. São Paulo: Paulus/CESEP, 1991.